





A vida que nos chega

Dani Rougemont
Glauco Oliveira
Helena Schoenau
Luiz Henrique Duarte



SINOPSE

Três pessoas encontram-se ao acaso em um beco sem saída: Edgar, um homem mais velho que apesar de sua vista cansada ama a leitura, é poeta e ganha seu sustento do que cata no lixo; Simone, uma viúva recolhida em seu luto, guarda consigo as palavras e, no silêncio, uma culpa que talvez não tenha; e Ricardo, um jovem drogadicto, carente e transtornado.

Diante de ausências e conflitos, eles veem-se obrigados a confrontarem-se consigo mesmos frente a provocações e espectros que os rondam. O que fazer com a situação em que se encontram? Em que espaço deixamos de ser livres e em que espaço nos aprisionamos?

Nesta narrativa investigativa, o objeto da busca são os próprios personagens, as faltas estão em cada um deles e o que resta é uma janela iluminada em um beco sem saída.

PERSONAGENS

SIMONE

RICARDO

EDGAR

PRÓLOGO

Noite.

Breu no beco. Só se pode ouvir: respiração e passos.

Fotogramas da cena. Retângulos luminosos. Paira no ar: cheiro de lixo e de pergunta.

Ângulos e posições diversas denunciam a memória fragmentada, fraturada, dolorida.

Quadro vivo e jogo de luz.

1º Flash

Simone algemada em uma caçamba.

2º Flash

Ricardo corre em direção à Simone.

Movimento paralisado.

3º Flash

Ricardo e Edgar se olham. Estão assustados.



1. O MUNDO

Sons de tecla de uma máquina de datilografia emulam uma trilha.

Edgar mexe no lixo da caçamba de onde retira bilhetes e os lê.

EDGAR

Eu fico ouvindo aquela nossa vida ressoar na minha cabeça e procuro em meio a tantas tranqueiras. Na última viagem, nossa, que não sabia ser a última, brigamos. Um cheiro forte de maresia, ainda sinto, o sol a me queimar a pele. Novamente por causa dessa minha mania boba, essa minha cisma. Não tinha como dar em outra coisa se não o que me obrigo a viver hoje. Agora eu fico estanque, sem me mexer, com medo de quebrar alguma outra coisa. Eu, nessa mesma sala de sempre, tenho duas passagens. O que fazer com a sua?

Simone, de costas, só dá a ver mapas, ou mesmo um globo terrestre, em que traça caminhos e pontos. Seus dedos, tingidos de negro: tempo de digitação.

EDGAR

O beco guarda um segredo, que ele repete. Não ouve quem não quer. Sinto o nervoso percorrer meu corpo e percebo que a tensão começa nas mãos. Não há o que fazer se não confessar aqui mesmo. Bater. À máquina, digo. Contar sem contar. Para aliviar e não acabar numa prisão.

Simone datilografa agilmente. Amontoa folhas que disputam lugar com outras, amassadas, e tantas outras que sucumbiram seu lugar de ideia e tomaram concretude: hoje são Tsurus de origami.

EDGAR

Esse eco. Ela quis dizer beco. Esse beco me seduz. Quando a gente viaja, a casa da gente vira um lugar melhor, porque passa a ser refúgio e não mais prisão.

Edgar tenta enfileirar os papéis, como que montando uma mensagem cifrada.

Simone datilografa e lança bilhetes para si, ao seu redor.

EDGAR

Quem dera soubesse os gostos, para lembrar o teu. Me valeria mais do que tantos cartões postais. Eu me arrependo. Dizem que se a pessoa fizer mil *tsurus* de origami com o pensamento voltado para o desejo, ele se realiza. Eu tento o que posso. Não podem dizer que não. Afinal...

VOZ DE RICARDO

... ter planos é a melhor estratégia pra quem quer ter um álibi, lá na frente, pro fracasso.

Simone bate na máquina aleatoriamente, em tom raivoso. Bate na máquina e não à máquina.

Simone levanta, exaltada, e o som das mãos contra a máquina persiste. Ela segura a própria cabeça e fecha os olhos na tentativa de pausar o som, que se repete sem descanso.

Edgar guarda os bilhetes que já leu em uma garrafa, junto com tantos outros, já lidos.

VOZ DE RICARDO

As coisas se repetem como um filme na minha cabeça. Dói. Pontadas, um enjoo. O eco. Há uma pausa aqui. O eco. Tempo. Pausa, entre parênteses. Tudo bate e volta sem acolhimento. Minha mente vive em eco porque tenho obstáculos.



Edgar testa seu eco no beco.

EDGAR

Não sou de conversar com estranhos, este mundo está cheio deles e não quero mais correr riscos.

Edgar parece não conseguir achar mais bilhetes. Procura ansioso.

Simone digita de olhos fechados, como se escrevesse uma mensagem psicografada.

EDGAR

Em caso de emergência, quebre o vidro.

Edgar brinca com o vidro, ameaça arremessar.

Edgar testa seu eco novamente: dentro e fora da garrafa.

EDGAR

Saída.

VOZ DE RICARDO

ida, ida.

Como se saísse de um transe, Simone digitação para de digitar.

Simone gargalha e chora.

Seus dedos tingidos de preto pela digitação mancham o rosto molhado.

*

No beco, Edgar não percebe Simone na janela. Ricardo chega correndo e a janela é fechada rapidamente.

RICARDO

Pare de gritar, você me irrita quando fica assim. Assusta as crianças. Não vê que dormem com medo e chorando? São os gritos, não quero mais te ouvir. Desde que nos casamos é assim. Eu já era assim, nunca te escondi a verdade. Não, não vou devolver (*joga uma algema que carrega consigo no lixo*) e se insistir, não volto mais. Se vira sozinha. Pelo menos assim acaba esta prisão.

EDGAR

Pare de gritar!

RICARDO

Quem está gritando?

EDGAR

Você grita.

RICARDO

Grito para que ela pare.

EDGAR

Se ela estava com você, não está mais, olhe bem ao redor, só estamos nós dois.

RICARDO

Ela não veio atrás de mim?

EDGAR

Como disse, só somos nós dois. Fique tranquilo.

RICARDO

É que ela tem mania de me seguir, está sempre querendo me prender.

EDGAR

Polícia?



RICARDO

Esposa.

EDGAR

Entendo.

RICARDO

Também é casado?

EDGAR

Solteiro, mas entendo bem os casados, a maioria não vive bem. Uma prisão.

RICARDO

Literalmente, com dois filhos fica pior. Não dou conta de manter essa coisa de família.

EDGAR

Ciúmes?

RICARDO

Dependência.

EDGAR

É a pior coisa. Um casal, penso eu, deve ser formado por duas autonomias e não por duas dependências.

RICARDO

Tem razão (*coloca um cigarro na boca*), mas não é assim que acontece. Teria algum lugar para sentar? Me sinto exausto devo estar correndo daquela desgraçada há pelo menos três horas.

EDGAR

Aqui. Senta.

RICARDO

Frio hoje, não?

EDGAR

Se precisar, tenho jornais ali atrás. Aquece bem.

RICARDO

Não sou morador de rua. Vê se vou me embrulhar com jornal? Tenho casa,
família.

EDGAR

Pelo jeito não te querem por perto.

RICARDO

Quem pensa que é? Eu não quero. *(Grita, bate no peito)* Eu não quero. Eu não...
Quem não quer sou eu. Eu decido o que fazer.

EDGAR

É lógico que quer.

RICARDO *(Olha para a janela)*

Para com isto, está me deixando nervoso.

EDGAR

Calma rapaz, só estamos tentando conversar.

RICARDO

Você havia dito que ela não estava aqui.



EDGAR

É só olhar em volta, não tem ninguém.

RICARDO

Então olhe para cima.

EDGAR

O que tem?

RICARDO

A janela.

EDGAR

Fechada, cerrada até os dentes.

RICARDO

Não seja estúpido, minha mulher está atrás do vidro, dentro daquele espaço.

EDGAR

Se olhar direito vai ver que é sombra.

RICARDO *(Para a janela)*

Como sempre superior, tentando me colocar para baixo, quer me ver cada vez mais no fundo, não vai conseguir.

EDGAR

Por favor. Volte a se sentar, este banco é amigo, vamos conversar.

RICARDO

Sentar? Conversar? Quem é você?

EDGAR

Prazer, um ser livre. Sem precisar fugir. Não perseguido. Vivo com a leveza do meu arbítrio. Solto!

RICARDO

Não precisa gritar! Esse vidro na tua mão? *(Tenta pegar)* Você fede.

EDGAR

Morador de rua. Não é todo dia que tomo banho. Este vidro é uma recordação. Coisa de uma vida inteira.

RICARDO

Pó? Divide aí, não vai ficar regulando agora vai? Cara, nós já somos amigos. Vai ser muito boa a onda do vidro. A onda que vem do vidro de pó branco que o mendigo tem. *(Tenta pegar o vidro novamente)* Vai, velho escroto, libera o pó. Quero passar a noite acordado.

EDGAR

Velho perto de você, mas muito novo perto do que você vai ficar se continuar assim, não deveria tratar assim o seu velho futuro. Isto se te houver algum.

RICARDO

Não fale de velhos perto de mim, sinto falta.

EDGAR

Abstinência. Sei como é. Já não as tenho há bastante tempo. Talvez tenha de novas palavras, tá aí, tenho abstinência de novas palavras.

RICARDO

Abstinência do desconhecido?

EDGAR

Isso.



RICARDO

São papéis dentro do vidro?

EDGAR

Lembranças de uma vida inteira.

RICARDO

Passei uma vida inteira com meu avô. O velho era muito gente. Aquele era meu leme, sua vida uma rota, era só seguir. Era só seguir. Eu amava aquele velho. (...)

Ela não veio atrás de mim? Era só seguir, ouvi minha mãe dizer pra minha mulher: "Você é burra, não sabe o que ele faz? Mora com ele e não sabe? Desde quando você mereceu o meu filho? Uma estúpida, só serviu para parir. Atrapalhou tudo na vida do menino. Era só seguir ele para saber o que ele faz." A partir daí, minha vida virou um inferno. (...) Você está aqui porque não tem saída. não é?

EDGAR

Você está aí nesse poço por que não tem fundo, não é?

RICARDO

Beco sem saída, poço sem fundo, sem saída, sem fundo, saída, fundo! Saída fundo!
Meu poço, meu fundo, sem saída, sem fundo!

Edgar e Ricardo são interrompidos por mais um bilhete. Edgar vê na janela apenas a mão que vaza para fora.

Edgar pega o papel.

RICARDO *(Ricardo avança, pega e lê)*

Bons tempos que eu podia ter silêncio por opção. É fácil achar quem faça barulho. Difícil é quem te dê silêncio quando mais você precisa.

EDGAR *(Para a janela)*

Não posso acreditar no que estou vendo! É você!

RICARDO

Tem alguém ali não tem?

EDGAR

Desculpa o incômodo. Nossa intenção nunca foi atrapalhar seu sossego. Se me permite dizer, esperei muito por você.

Ausência de respostas.

RICARDO

Parece não querer muito papo contigo.

EDGAR *(Para a janela)*

Eu nem sei o seu nome...

RICARDO

Ricardo.

EDGAR

Ah, sim. Satisfação.

Novamente a mão lança um bilhete.

RICARDO

Posso ser mais clara: silêncio, quando tudo e todos se calam, momento que só se escuta os ruídos da noite. *(Para a janela)* Fechar a janela ajuda!

EDGAR

Ela não fala com estranhos. Mostra seu rosto para mim que te mostro o silêncio de volta. Prometo! Confia em mim.



A mão responde com outro pedaço de papel.

EDGAR

Não importa o quanto me vejam, nunca saberão quem realmente sou. Não passo de uma sombra.

RICARDO *(Para a janela)*

Você não desiste nunca? Por que não me deixa em paz?

EDGAR

O que é desta vez?

RICARDO

É ela! Aparece! Acaba logo com isso! *(Para Edgar)* Você me disse que éramos só nós dois aqui!

O som das teclas da máquina torna a preencher o beco.

EDGAR

Você assustou a moça. Vai embora! Enquanto estiver aqui, ela não vai aparecer.

RICARDO

Você não entende? Se eu for embora, ela vem atrás de mim!

EDGAR

Ela não vai a lugar algum. Esse é o lugar dela. Você não a conhece.

RICARDO

Ah, e você a conhece?

EDGAR

Ela não é quem você pensa!

Mais um bilhete é lançado.

EDGAR

Somos três desconhecidos. Vocês não sabem mais do que isso sobre mim.

(Para a janela)

Eu leio o que você escreve. O que é um rosto perto disso?

RICARDO

Quem é essa mulher?

Um bilhete vem como resposta.

EDGAR

As palavras que voam pela minha janela são aquelas que não podem mais ficar dentro de mim. Também não podem mais ficar na minha casa. Por isso vão de encontro ao lixo do beco. Não precisam de leitores. Elas precisam de esquecimento. Respeite meu espaço e meu momento porque eu faço o mesmo. Passar bem.

RICARDO

O que foi?

EDGAR

Gastei meses da minha vida intrigado com esses bilhetes. Eu não fazia ideia de quem os escrevia e isso me deixava louco. Pareciam brotar da lixeira. Tenho um certo controle de quem entra e de quem sai deste beco. Ninguém passou por aqui que não fosse com lixo comum. Eu deduzi, então: se não foi entrando e saindo, esse autor desconhecido só poderia ter acesso por aquela janela. Sabe esse som? *(Pausa embalada por som de digitação)* São restos de todos os tipos:



bilhetes curtos, cartas rasgadas, mensagens parcialmente queimadas, fluxos de pensamentos, desabafos interrompidos, coisas escritas em segredo e que talvez nunca ninguém lesse. Imagina se aquilo que você nunca ousou contar, sequer para o próprio espelho, fosse parar numa folha de papel. Que fim você daria a ela?

RICARDO

O fim que fosse necessário.

Edgar mira fixamente a janela de Simone. Cada vez mais distante, Edgar fala como se não fizesse diferença estar sendo ouvido por Ricardo ou não.

EDGAR

Eu nunca havia presenciado o momento exato da queda dos bilhetes. Até

agora...

Ricardo ri.

EDGAR

Qual é a graça?

RICARDO

Até resto de atenção você cata do lixo? Não percebe o quanto isso é patético?

Edgar avança sobre Ricardo e o pressiona de encontro à caçamba.

RICARDO

Quer me bater? Então bate. Mas a verdade é uma só: ela não faz questão nenhuma de ter você no mundinho dela. Você acha que vai ter acesso a ela, mas não vai. Morra com essa ilusão!

EDGAR

Eu vou sair agora e você vai sair logo em seguida. Não quero te encontrar em meu beco quando voltar.

RICARDO

Vai para o inferno, poeta! Não tenho medo de você! Não de você!

Edgar sai do beco andando de costas, como lhe é próprio.

Ricardo está sozinho no beco, chuta o chão, senta e levanta. Olha para a caçamba e se agacha dando um grito de raiva e fala para o interior da caçamba como se fosse um espelho.

RICARDO

Vá para o inferno! Eu já estou no inferno, você não vê onde está se enfiando Ricardo? Eu já estou aí no fundo, minha prisão.., filho da puta, poeta escroto!

Edgar volta.

RICARDO

Te mando ir para o inferno e você volta?

EDGAR

Voltei para te dizer que este beco é o meu inferno e que não te quero aqui. Desde que chegou bagunçou minha paz.

RICARDO

Paz no inferno?! Deve ser divertido. Uma coisa te digo: fique esperto ou assuma de vez seu papel de editor. Monta aí sua historinha. Pensei que a rua ensinasse mais rápido. Não percebe que está sendo usado por ela?

EDGAR

Pode ser.



RICARDO

Pode ser não, é.

EDGAR

Algum tratamento, já tentou?

RICARDO

Uma porrada de vezes. Clínicas utópicas, as coisas mais absurdas já vivi em reabilitação. É o fundo do poço vivo dentro de você, eles tentam te virar do avesso, estender o seu cérebro sob o sol e deixar ali, secando. Tudo sob seu próprio olhar. O arbítrio de se prender. Uma hora você tem que fugir de você mesmo. Tudo ali te afunda mais e mais.

EDGAR

Calma, precisamos de silêncio. Não vamos interromper o silêncio que ela nos pediu.

RICARDO

Ela não vai abrir a janela enquanto estiver aqui.

EDGAR

Por que afirma com tanta certeza?

RICARDO

Parece preferir se comunicar por bilhetes. Faz de você um colecionador de suas histórias. Te aprisiona nas histórias dela e não o deixa ir embora do beco para ser poeta. Faz você de leitor. Terapeuta! Isso é tratamento de maluco.

EDGAR

Quem te disse que sou prisioneiro desse beco? Aqui dentro do beco e do vidro, está cheio de poesia. De vida. É só abrir. Liberdade.

RICARDO

Livre? É um beco sem saída, ela te mantém aqui. Você vai ser a história dela.

EDGAR

Não sinto isto, sinto sim estar construindo algo que vem de alguém, escritos que agora sei ser de uma mulher e que parece me confiar suas vivências, que escolheu o poeta para ser sua proteção.

RICARDO

Prisão! Egoísmo! Nunca te deixou ver o rosto. Nunca nem soube que era mulher, soube por uma mão que te joga papéis, depois de tudo que leu e guardou, um papel pedindo cala boca?

EDGAR

Não sei, preciso pensar.

EDGAR

Posso te confessar uma coisa?

RICARDO

Diga.

EDGAR

Nunca havia tido esta curiosidade de quem era ou como seria, não me importava se homem ou mulher, pobre rico, negro branco. O importante eram os relatos. Alguns difíceis de entender, outros tão banais, cotidianos, não li todos, mas estão bem guardados.

RICARDO

Poético isso, hein?!



EDGAR

Datilografados. Na transparência do vidro, na dobradura dos tsurus. Origamis sem performance, sem forma, mas cheios de vida. Ricardo, foi um prazer, mas hoje preciso sair deste beco, ter um outro olhar destas paredes dobradas. As quinas, as esquinas, os meus limites.

RICARDO

Tem certeza, poeta, de que vai me deixar? A minha mulher, minha mãe, tenho duas filhas lindas. Poeta! Poeta!

Edgar sai do beco mirando-o: é sempre como se indo, estivesse chegando.

RICARDO

Os meus pés podem te seguir!

EDGAR

Vou só!

RICARDO

Estou só!

EDGAR

Calce os sapatos, volte para casa e busque um velho futuro! Não deixe tudo acabar agora!

RICARDO

Os meus sapatos!

RICARDO

Edgar! Poeta! Cara, volte aqui!

2. ATALHOS

RICARDO

Volta aqui!

Pausa.

RICARDO

Cadê a luz?

Ricardo tropeça e cai. A luz se acende e uma silhueta é descoberta.

Ricardo está caído, a cabeça cortada.

SIMONE

Ahhhhhhhhhhhh!

Ele leva a mão à cabeça. Ele sente: nos ouvidos, Simone; nos dedos, calor e líquido. E vê: vermelho. Sangue na mão.

SIMONE e RICARDO

Ahhhhhhhhhhhh!

RICARDO

Pare de gritar!

Silêncio.

RICARDO

Ahhh, perdão. Calma, minha cabeça dói. A caçamba.



Pausa.

RICARDO

Bom te ver, finalmente. Duas mãos.

Ausência de respostas.

RICARDO

É normal ficar nervosa ao ver sangue. Acontece com muita gente. Principalmente se não nos preparamos para o que vai acontecer. Um acidente, do nada e surge sangue.

Ricardo brinca com seu sangue.

Simone persiste imóvel na janela, a mão segurando firme o batente. O vidro aberto.

Ela olha as pontas dos dedos pretos: contraponto ao vermelho-sangue das mãos de Ricardo.

Som da máquina de datilografar.

Simone joga um pano pela janela.

SIMONE

Cuidado com o beco.

RICARDO

Obrigado por se importar.

Ricardo amarra na cabeça, como uma bandana.

SIMONE

Vai ficar tudo bem?

RICARDO

Não sinto muito.

SIMONE

Está anestesiado pelo acontecimento. É assim mesmo: depois que o corpo desaquecer, que tomar distância do acidente, aí vai doer bastante.

RICARDO

Pode ser, mas eu tenho uns bons... remédios pra isso.

SIMONE

É sempre bom saber como se livrar.

Simone oferece o verso dos pulsos unidos, mostrando uma marca.

RICARDO

Daqui não dá para ver.

SIMONE

Marca de nascença.

SIMONE

Você é sozinho?

RICARDO

Não.



SIMONE

Então deveria ligar para te buscarem. Por causa da cabeça...

RICARDO

É melhor não.

Ricardo tenta levantar, vacilante, está entorpecido. De pé. Desequilibrado.

SIMONE

Se você diz.

RICARDO

E você?

SIMONE

Eu não quero falar sobre isso.

RICARDO

Sei guardar segredos. Esqueço logo.

SIMONE

Ninguém esquece esse tipo de coisa.

RICARDO

Morte?

Pausa.

Simone pronuncia o corpo em direção à janela. Seu rosto está totalmente exposto.

Simone joga um lenço bordado.

RICARDO (Lê)

Simone.

Ricardo abre os braços como se pudesse recebê-la com um abraço.

RICARDO

Simone, Ricardo.

SIMONE

Nas viagens, pense nas suas, tudo é diferente, ainda lembro. Os quartos de hotel, cheiro de lavanda, dizem que acalma. Tudo limpo e organizado.

RICARDO

Nas viagens, outras sensações percorrendo o corpo: calor ou frio, depende. A pele reagindo, a visão desperta, tudo novo, mais vibrante. Tudo como sensação. A palavra some. Não posso? Não existe. Mas tudo tem seu preço. As viagens não te cobram no corpo, na mente? Elas não te deprimem quando passam? E sobra só um corpo inerte e culpa. Muita culpa. Um mundo só teu.

*

Momento-poço

Ricardo, agora, no fundo. Simone, em sua janela, no topo.

Apenas ecos da cidade vibram, chegando como faíscas. Luzes vistas ao longe, faróis que não guiam. De passagem, invadem e criam sombras no beco.

RICARDO

Os pés sempre foram a minha paixão, afinal, é com eles que exploramos nosso mundo, e pelos pés, resolvi trabalhar com sapatos, que protegem, amortecem e



auxiliam a caminhada. Pelos sapatos, que eram a minha arte, eu vivia e pela minha família. Agora, aqui, só sinto cheiro de umidade, de mofo. Vejo a escuridão que me envolve, é somente silêncio, nem minha voz ouço, nem minha respiração, nem sequer meus passos! Ando e não saio do lugar, dou voltas, pior é que sei da minha culpa. Não seria justo culpar família ou o destino. Meus sentidos já não são mais os mesmos, meu tato está tão distanciado do meu corpo que nem tenho certeza do que toco, nem se toco realmente o chão, estou suspenso. As perguntas são mais frequentes que as respostas e me atormentam, me deixam louco! Se tenho alguns segundos, só alguns fora de mim, paro de trazer à tona questões, sabemos, que não serão respondidas. Mas a teimosia nos leva aos eternos questionamentos e, de novo, de novo, de novo, rodo aqui dentro. Por isso, odeio a sobriedade, entende? Passo noites sem dormir, porque fico pensando em perguntas: umas jamais ouvi e nunca ouvirei as respostas. Mas ainda assim me pergunto. Viver a liberdade, para mim, é viver sem esses questionamentos. O pó põe pra fora. Todas essas palavras passam pela minha cabeça quando vejo aquele homem catando o lixo, quais serão as suas perguntas? Serão as mesmas? Às vezes penso sobre minha sobrevivência, mas quando me volto para minha existência, já não sei se me importo tanto. O que não difere muito daquele catador de lixo. Quero sair desse lugar

(ele olha o beco) aqui (ele se olha) sem saída. As pessoas estendem as mãos, mas eu não alcanço e a única saída me parece ser distante. Quanto mais penso em sair, enquanto me afundo, mais vou para o fundo: no poço.

*

Edgar sozinho no beco. Ele remexe no lixo e puxa, surpreso e fascinado, uma algema. Simone também está cercada de restos e papéis. Ela olha perplexa para os dedos sujos e começa a limpá-los com vigor e ansiedade. Sua respiração é forte.

Edgar examina a algema. Ele a testa para ver se funciona. Analisa suas possibilidades.

A tinta escorre das mãos de Simone, pingando na mesa, nos papéis. Começa a passar o pano secando as gotas. Seu ritmo é acelerado e logo está esfregando o pano por toda a superfície.

Edgar coloca a algema no chão, circundando à sua volta: quer decifrá-la.

Simone começa a limpar tudo, com mais panos e produtos. Joga os papéis fora – e não para fora –, organiza os tsurus. Metodicamente, desinfeta, esteriliza, higieniza, classifica, ordena e acomoda. Surto sistêmico, sistemático. O processo a consome e está cada vez mais extasiada: é como se pudesse ver-se liberta.

Edgar pega um caderno e mirando a algema, começa a escrever compulsivamente.

Exausta e satisfeita, Simone se deixa cair em sua cadeira, ofegante.

Edgar continua escrevendo: seu olhar pula da algema ao caderno. Parece elétrico.

Simone apaga a luz e os dois desaparecem.

*

Momento-poço.

Casa de Simone. Ela está sentada em uma cadeira, como quem presta um depoimento.

SIMONE

Eu divido aquele dia em duas metades, uma completamente oposta à outra. Até determinada hora do dia, a minha voz era a mais ouvida. Eu falava, argumentava, pedia, exigia... Minha palavra era a última na discussão. Eu tinha a energia para mudar o mundo e nada podia me fazer parar. Pelo menos era assim que eu pensava. Depois do ocorrido, veio a segunda metade. Eu só conseguia me afundar no sofá, totalmente muda, e fumar dentro de casa, deixando meu chão coberto



de cinzas. Pela primeira vez eu estava só, depois de anos. Tudo poderia ser do meu jeito. Eu quis gritar, mas não me senti no direito. Eu quis quebrar tudo, mas seria injusto com ela. Olhei em volta, tudo estava calmo e limpo, até que meus olhos chegaram às chaves dela. Sangue. Espremi os olhos e o resultado foi o mesmo: sangue. Um rastro traçou um caminho entre as chaves e minha mão, também com sangue. Limpei a mão na minha calça. As lágrimas que caíam do meu rosto ajudaram no serviço.

Ela já não estava mais ali comigo, mas ao mesmo tempo sim. Encontrei areia de praia no meio da sala. Coisa dela. Perdi minha esposa, mas ela nunca perdeu o hábito de entrar em casa com o sapato sujo. Agora tudo poderia ser do meu jeito. Por minha culpa, ela não vive mais. Há tempos a sujeira tirava meu sossego. Tralhas entulhadas pelos cantos, poeira, paredes sebosas e um cheiro de imundície insuportável! Pedi que ela fosse ao mercado e me trouxesse produtos de limpeza. Contrariada, ela me disse que alguma coisa pedia pra que ela ficasse em casa. "Preguiça é o nome dessa coisa! De lixo já basta o que vemos no beco". Insisti a ponto de ela ceder. Dois barulhos, me lembro bem: a porta sendo batida com força e uma freada longa seguida de pancada. Continuei com a louça, mas algo em mim se quebrou. Me gritaram do beco. Tremi. Da janela debrucei lá para baixo.

Simone repete a mesma ação do relato. Do beco, Edgar vislumbra Simone pela primeira vez. Ela não o nota. Ele, por sua vez, também não se faz perceber.

SIMONE

As pessoas tentavam me dar a notícia. Uma voz invadia a outra, e juntas formavam um falatório cheio de ecos. Minha vista escureceu. As pessoas lá embaixo começaram a perder a voz para mim. Todos ficaram turvos e se misturaram na escuridão da minha mente em pane. Era como um poço visto de cima. Me deu uma vontade de pular para não ter que encarar o que estava por vir.

Simone volta para o interior.

SIMONE

Preservo as mesmas manias, para não ter sido em vão. Fora isso, como eu disse, agora tudo pode ser do meu jeito. Os sapatos sempre na porta. Continuo a limpar. Limpo tudo, menos as chaves dela. Não consigo. Me falta coragem. Elas ficam assim, com sangue seco. Mesmo precisando de limpeza, faz falta ser contrariada de vez em quando. E você?

Simone está na janela. Ricardo está embaixo, curvado sobre seu próprio corpo. Ele cheira.

RICARDO

Eu preciso ir pra casa.

SIMONE

Não seja por isso.

RICARDO

Minha cabeça dói, sinto cada vez mais.

SIMONE

Eu posso ajudar.

RICARDO

Não precisa.

SIMONE

Preciso sim.

Ele some do beco, ela da janela.

Estão frente a frente na porta.



SIMONE

Tire os sapatos, por favor.

Pausa.

SIMONE

Para não sujar...

Ele tira a contragosto.

Ela pega os sapatos para colocar no lugar certo. Ele mexe nos tsurus.

RICARDO *(apontando para os sapatos)*

Eu que fiz.

SIMONE *(apontando para os tsurus)*

Eu também.

Riem, cúmplices.

Ela se aproxima para desamarrar a bandana da cabeça dele. Ele se evita, reflexo.

SIMONE

Confia em mim.

Da ferida aberta, o sangue voltar a escorrer.

SIMONE

Desculpa.

RICARDO

Não foi culpa sua.

Simone torce a bandana. O sangue escorre de suas mãos.

SIMONE

Se eu não tivesse insistido... Afinal, cada um deve dar conta de si.

RICARDO

Seria ótimo se fosse assim. Mas nunca é.

Simone pressiona a ferida.

SIMONE

Dói, né?!

RICARDO

É sinal de que estou vivo. Pulsando.

Simone limpa a ferida.

SIMONE

É pequeno e fundo.

RICARDO

Já estou acostumado. Lá em casa diriam que mereci.

SIMONE

Por quê?

RICARDO

Sempre me acontece. Não nos damos muito bem.



SIMONE

Se merecia, já está pago. Não acha?

RICARDO

Não sei se vale. Até gosto, dá uma tontura gostosa...

SIMONE

Você teve sorte. Você tá lembrando bem de tudo?

RICARDO

Não costumo ser muito bom com isso. Você é médica?

SIMONE

Não. Mas não posso com lesões na cabeça. É um lugar que sangra muito. Às vezes, fatal.

RICARDO

Eu não ia morrer. Não tá na hora. As pessoas só vão quando tá na hora delas irem.

SIMONE

E os assassinatos?

RICARDO

Destino é uma coisa que faz sentido pra mim, sabe... uma história que já está escrita.

SIMONE

A culpa é de quem?

RICARDO

A culpa não é de ninguém.

Simone faz um curativo.

SIMONE

Não faz sentido.

RICARDO

Nem é justo. Por isso, eu não me preocupo. Tudo a seu tempo.

SIMONE

Parece simples demais...

RICARDO

E é. Minha família, por exemplo, não me quer. Reclamam de... *(ri)* explosões. Então, eu saio.

SIMONE

Eu nunca me descontrolo.

RICARDO

Ah... vai dizer que às vezes você não tem vontades...?! Só de olhar para o pescoço dela, para as mãos e os pés e sentir um desejo incontrolável de apertá-la, prender com as mãos.

Ricardo levanta e caminha vagorosamente ao redor de Simone.

RICARDO

É tudo muito rápido. Um impulso e quando vemos, estamos ali, o corpo quase



inerte embaixo de nós. Eu fico... satisfeito. Depois vai passando, o corpo relaxa e a mente volta a ter controle... uma tristeza...

SIMONE

Imensa!

RICARDO

Um vazio que percorre. Não saber pra onde ir, o que é verdade, o que tá certo ou não.

SIMONE

Um peso enorme. Vontade de poder ser só, leve, sem carga. (...) sem força.

RICARDO

Era pra ser só uma descarga de energia.

SIMONE

Só um empurrão.

RICARDO *(Para as mãos)*

Mas elas não entendem. Depois você vai falar com elas e elas não respondem. Ficam quietas, nem te olham, é como se você tivesse...

SIMONE *(Para as mãos com tinta)*

...matado.

Em um aparte: as mãos de Simone estão atadas pela algema.

*

No beco, Edgar vê duas silhuetas na janela de Simone.

Algo se quebra. Tudo se espalha. Ele caminha sobre o que sobrou, os pedaços.

EDGAR

Egoísta, acaba de me ensinar que o lixo não passa do que vocês realmente são, não precisaria de tantos bilhetes, Simone! Você é o lixo. Conseguiu! Você conseguiu quebrar toda a intenção de liberdade que eu tinha nas ruas, me usou pra juntar os teus cacos! Confesse, nunca estive mal pelo que fez não é mesmo? Escreve por prazer, pra reviver cada momento, sua intenção é estragar, por isto o lixo que é. Esta aqui tua história, onde sempre deveria ter estado, no chão, indo embora, desintegrando neste beco podre.

No apartamento, Simone faz tsurus.

SIMONE

É um alívio. Quebrar com esse silêncio. Com tudo isso que estava guardado dentro.

Edgar rasga os papéis e faz chover sobre si festejando seu desengano.

Simone joga a algema pela janela, na caçamba.

*

Momento poço.

EDGAR

Depois da janela/ Era lá que tudo vivia/ Longe rua que existia/ Quebrei o espelho em que me via refletindo/ Era tudo reflexo/ Não parava, eu refletia atrás de mim que refletia atrás de mim que refletia atrás de mim/ E eu era muitos, de muitas famílias/Eram muitas famílias de múltiplas cidades e eu era o mundo dentro de mim



gritando/ Depois do espelho tem vida/ Depois das famílias e das cidades tem vida!
Depois da janela tinha o quintal, era longe, um longe que dentro de casa existia/
Tudo uma lonjura/ Muita distância da roupa no varal para o carro na garagem
para o empregado do portão para o gato deitado na almofada para o pai da sala
o irmão do quarto para a mãe negra da cozinha, para a branca dos chás de ópio.

Fui quebrando tudo, todas as palavras que me passaram de geração em geração/A
sua riqueza é a passagem para o mundo/A rua é a minha riqueza para o mundo!

Tudo aqui é perto/Vida que me chega/ Agora verso pelo vivo/ Mais do que nunca
verso pelo que sou.

Edgar recorre aos seus escritos em cadernos.

EDGAR

Ficção é a oportunidade de falar e falar, sem estar falando exatamente com alguém.
Ficção é companhia solidão. Inverti tudo: vesti a vida pelo avesso. Fui conquistar
um espaço que são todos: os lugares em que passo e os lugares que crio, os que
leio, tudo o que eu imaginar. A minha ganância me faz varar por aí sem me prender
à satisfação. Meu prazer se faz sem grilhão, dominação. O provisório é a maior das
providências. E de avulsas, são iguais todas as madrugadas em que me capturo de
novo, por inteiro, uma nova versão de mim. Troquei a riqueza pelo poder e troco
também o dia pela noite. Os contrários me atraem mais do que qualquer mais ou
menos. A noite promete mais do que o dia.

As páginas tantas: vira.

*

Ricardo desacordado no beco. Sozinho, ele acorda ao som da máquina de datilografar.

RICARDO

Como vim parar aqui em baixo? Desci tanto sem nem perceber?

Ricardo zanza, sussurrando consigo mesmo.

Ricardo procura e não acha mais droga.

RICARDO

Como posso ter... você, onde está? Estava aqui comigo, agora... há pouco. Você gosta de se esconder. Aparece e logo some. Queria te enganchar bem próxima a mim. O vício, deter você.

Ricardo corre até a caçamba e paralisa ao ver Simone algemada e amordaçada.

RICARDO

Eu fantasio, eu quero.

*

Edgar entra no beco. A máquina de datilografar o segue como trilha.

Folheia cadernos que retira de um saco de lixo, se emociona.

EDGAR

Uma hora tinha que terminar.

Edgar escreve compulsivamente. Oscila seu olhar entre a caçamba e a janela.



Ele tira as páginas dos cadernos e amassa. Joga contra a janela fechada de Simone. Elas voltam.

Começa a escrever compulsivamente.

É interrompido. Ouve um barulho...

EDGAR *(enquanto escreve)*

.... um tintilar de metal e o segue.

Edgar caminha em direção à caçamba e vê Simone algemada e amordaçada. Ricardo está olhando para ela.

Ricardo e Edgar se olham assustados.

Edgar sai do momento estanque e fala para fora dele.

EDGAR

Eu criei.

*

Luz na janela. A máquina de datilografar afirma seu ritmo, persistente.

A voz de Simone entrecruza a digitação, sem dar a ver de onde vem.

SIMONE

A casa limpa, finalmente! Tudo o que não presta, tiramos. Só assim podemos realmente dar início a uma vida nova. Como foi a minha depois de você, querida. Nada é definitivo, nossas necessidades estão se renovando, reciclando, a todo tempo.

Pausa.

A digitação cessa, como um longo respiro, e volta.

SIMONE

Olhava para baixo e via tudo acontecer ao meu redor, esperando que o mundo parasse para me esperar. Os meus movimentos lentos, a boca sem voz, como se a vida fosse o fundo do mar. Asfixiada pela sua ida. Saio eu também. Tem prazer na dor que a sua falta me faz. Como dizem: “tudo tem um motivo para acontecer”. A sua morte é o preço de ter uma casa limpa.

Simone está sozinha no beco, deitada na caçamba, em meio ao lixo. Está algemada e uma mordaca pende de seu queixo. A boca finalmente livre.

SIMONE

Eu imagino, eu mereço.

FIM